

O COMÉRCIO ILEGAL DE FAUNA EM MINAS GERAIS

AS 15 ESPÉCIES DE AVES MAIS TRAFICADAS NO ESTADO:
CONHECER PARA PRESERVAR!



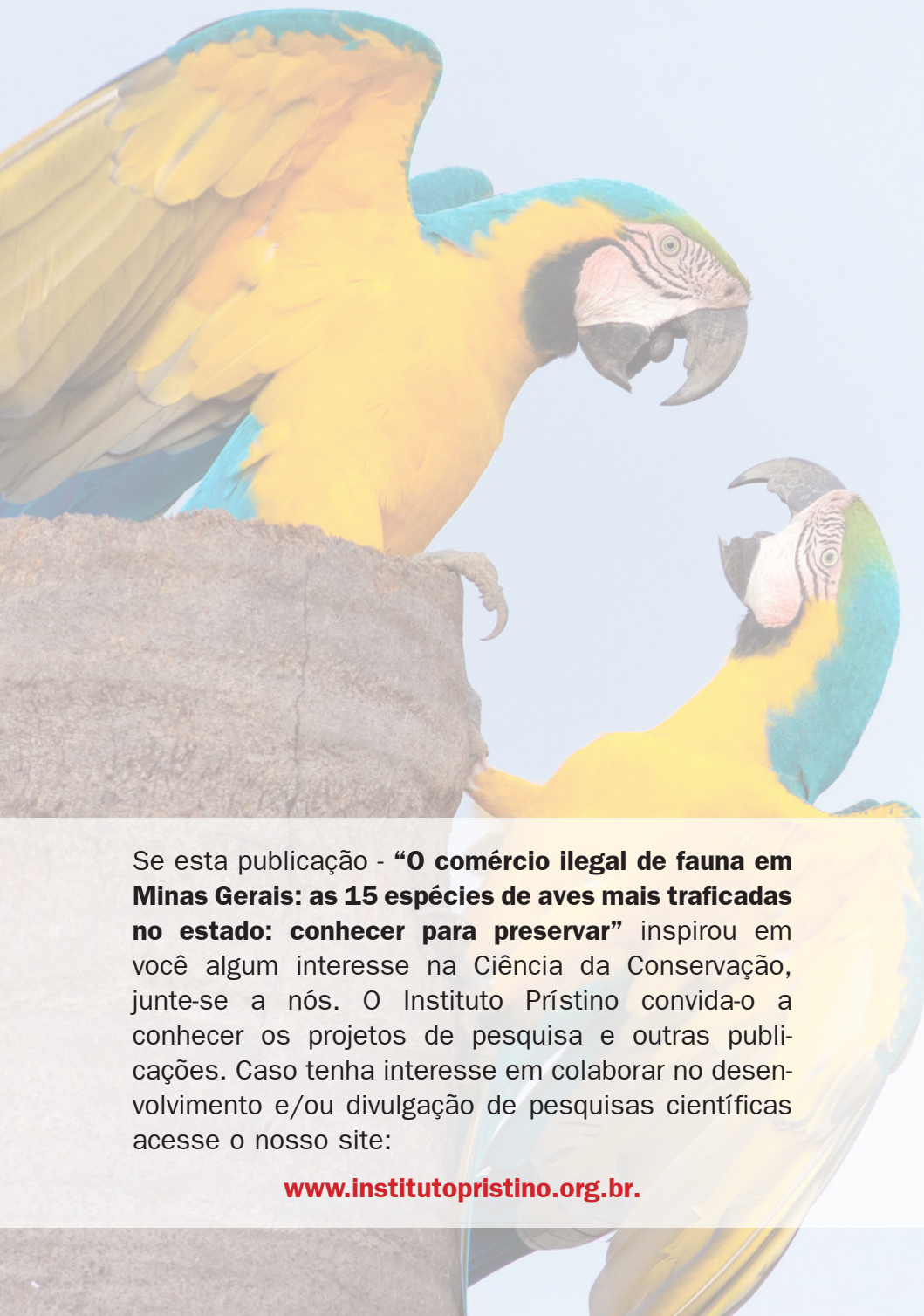
Flávio Fonseca do Carmo
Luciana Hiromi Yoshino Kamino
Lílian Mariana Costa

Flávio Fonseca do Carmo
Luciana Hiromi Yoshino Kamino
Lílian Mariana Costa

O COMÉRCIO ILEGAL DE FAUNA EM MINAS GERAIS

AS 15 ESPÉCIES DE AVES MAIS TRAFICADAS NO ESTADO:
CONHECER PARA PRESERVAR!





Se esta publicação - **“O comércio ilegal de fauna em Minas Gerais: as 15 espécies de aves mais traficadas no estado: conhecer para preservar”** inspirou em você algum interesse na Ciência da Conservação, junte-se a nós. O Instituto Prístino convida-o a conhecer os projetos de pesquisa e outras publicações. Caso tenha interesse em colaborar no desenvolvimento e/ou divulgação de pesquisas científicas acesse o nosso site:

www.institutopristico.org.br



O COMÉRCIO ILEGAL DE FAUNA EM MINAS GERAIS

AS 15 ESPÉCIES DE AVES MAIS TRAFICADAS NO ESTADO:
CONHECER PARA PRESERVAR!



EDITORA

Belo Horizonte - MG
2020

O comércio ilegal de fauna em Minas Gerais - as 15 espécies de aves mais traficadas no estado: conhecer para preservar!

Copyright © 2020 by Instituto Prístino

Produção, arte-final e projeto gráfico

3i Editora Ltda

Telefone: (31) 3335-6085 - 99642-6085 ☎

E-mail: contato@3ieditora.com.br

Este livro não pode ser vendido, reimpresso, traduzido em outras línguas, ou usado para a solicitação de fundos sem a expressa permissão escrita do Instituto Prístino

FICHA CATALOGRÁFICA

Carmo, Flávio Fonseca do

C287c O comércio ilegal de fauna em Minas Gerais - as 15 espécies de aves mais traficadas no estado: conhecer para preservar! / Flávio Fonseca do Carmo, Luciana Hiromi Yoshino Kamino, Lílian Mariana Costa - Belo Horizonte: 3i Editora, 2020.

64 p. il.

ISBN 978-65-991535-6-3

1. Meio ambiente - Minas Gerais. 2. Fauna selvagem - comércio ilegal - Minas Gerais. I. Kamino, Luciana Hiromi Yoshino. II. Costa, Lílian Mariana. III. Título.

CDU 504(815.1)

Elaborada por Rinaldo de Moura Faria

CRB-6 nº 1006

De uma maneira geral... bicho é alguma coisa que prende os olhos... prende a atenção. É intrigante e também é puro, é natural, é espontâneo, inocência no sentido de que não procura enganar a gente. De maneira geral eu vejo isso... É todo emoção. Bicho pra mim é isso.

Prof. Walter Hugo de Andrade Cunha
Introdutor da Psicologia Animal e da Etologia no Brasil

¹ Fuchs, H. 1995. Psicologia animal no Brasil: o fundador e a fundação. Psicologia USP, 6(1): 15-42. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1678-51771995000100003&lng=pt&tlng=pt.



Arara-canindé
(*Ara ararauna*
Linnaeus, 1758).
Foto: Augusto
Milagres.

Sumário



PREFÁCIO	9
APRESENTAÇÃO	13
INTRODUÇÃO	15
Catálogo	23
#1. <i>Sicalis flaveola</i>	24
#2. <i>Saltator similis</i>	26
#3. <i>Cyanoloxia brissonii</i>	28
#4. <i>Sporophila nigricollis</i>	30
#5. <i>Sporophila caerulescens</i>	32
#6. <i>Sporophila angolensis</i>	34
#7. <i>Zonotrichia capensis</i>	36
#8. <i>Amazona aestiva</i>	38
#9. <i>Gnorimopsar chopi</i>	40
#10. <i>Sporophila lineola</i>	42
#11. <i>Psittacara leucophthalmus</i>	44
#12. <i>Turdus rufiventris</i>	46
#13. <i>Sporophila frontalis</i>	48
#14. <i>Spinus magellanicus</i>	50
#15. <i>Turdus leucomelas</i>	52
Referências	54
Anexo	
AS LISTAS VERMELHAS.....	61

AGRADECIMENTOS

Nossos sinceros agradecimentos pela inestimável colaboração dos pesquisadores-fotógrafos em doar material ilustrativo de qualidade para compor nossa publicação. Agradecemos a Eric Oliveira Pereira pela elaboração dos códigos de barras bidimensionais (QR code).

Especial agradecimento aos profissionais que trabalham com dedicação nos Centros de Triagem de Animais Silvestres (CETAS), nos Centros de Reabilitação de Animais Silvestres (CRAS), nos órgãos públicos que atuam direta ou indiretamente no monitoramento, salvaguarda e fiscalização da fauna.

Prefácio



Recebi, com grande alegria, o convite para apresentar a obra de autoria de Flávio Fonseca do Carmo, Luciana Hiromi Yoshino Kamino e Lílian Mariana Costa, notáveis profissionais dedicados à defesa do meio ambiente que, à frente do Instituto Prístino, prestam suporte técnico à Coordenadoria Estadual de Defesa da Fauna do Ministério Público de Minas Gerais (CEDEF/MPMG).

Muitos são os desafios encontrados pelos operadores do Direito na defesa da fauna. As especificidades técnicas da área, que envolvem tanto aspectos ecológicos quanto as peculiaridades inerentes às espécies, são questões que ultrapassam o saber jurídico constituído na sua preparação acadêmica. Nesse contexto, o apoio prestado pelo Instituto Prístino tem sido essencial para promover a união entre o conhecimento jurídico e as diversas ciências que têm a vida animal como objeto de estudo.

O presente catálogo surge dessa interlocução, especificamente no âmbito do Grupo de Trabalho de Combate ao Tráfico de Animais Silvestres em Minas Gerais que, coordenado pela CEDEF/MPMG, compõe-se dos órgãos públicos que atuam na defesa da fauna, como a Polícia Militar de Meio Ambiente, a Polícia Civil, o Instituto Estadual de

Florestas (IEF), a Secretaria de Estado de Desenvolvimento e Meio Ambiente Sustentável (SEMAD) e o Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis (IBAMA).

Nesse importante fórum, o Instituto Prístino participa com a execução do projeto de diagnóstico das rotas do tráfico de animais em Minas Gerais, que envolveu a análise acurada de dados oficiais de ocorrências de apreensão de silvestres no Estado e da literatura técnico-científica.

Desse esforço surgem estas páginas, as quais o leitor encontrará informações técnicas acerca das espécies mais visadas por traficantes de aves silvestres no Estado – como taxonomia, conservação, principais características para identificação, distribuição geográfica, além de alguns dados de história natural e história de vida das espécies. Remete, ainda, o leitor, a um site de observação de aves e ciência cidadã, que disponibiliza imagens, sons de cantos e mais informações sobre as espécies.

A compilação apresentada materializa o que de mais belo têm esses animais, como o seu canto harmonioso ou a exuberância de sua plumagem – e é tão pesaroso constatar que justamente esses atributos os tornem mais vulneráveis e suscetíveis à cobiça humana!

Convido o leitor a observar detalhes da vida rica e interessante que as aves desfrutam em seu ambiente natural e mentalmente a comparar à aridez da vida restrita à gaiola. Ora, para além dos eventuais maus-tratos que esses animais possam ter sofrido durante os procedi-

mentos de captura, transporte e comercialização, é preciso considerar que a vida em confinamento, em um ambiente absolutamente artificial, por si só, é uma violência inaceitável contra o animal.

Nos versos do poema “ O Pássaro Cativo”¹, o inesquecível Olavo Bilac compara à escravidão o viver de um pássaro engaiolado, mesmo que cercado de cuidados, como alimentação, água e conforto! Dando voz ao pássaro cativo, o poeta indaga:

“Por que me prendes?
Solta-me, covarde!
Deus me deu por gaiola a imensidade!
Não me roubes a minha liberdade...
QUERO VOAR, VOAR!

E conclui, em magníficos versos, o poeta:

Estas coisas o pássaro diria, se pudesse falar.
E a tua alma, criança, tremeria, vendo tanta aflição.
E a tua mão, tremendo, lhe abriria a porta da prisão...

Que o brilhante trabalho aqui apresentado possa também dar voz a esses belos e indefesos animais e conduzir muitas mãos a abrirem portas de prisões! Quiçá possa também libertar as mentes humanas de seus pro-

¹ BILAC, Olavo. “O pássaro cativo”. In.: Antologia poética. Seleção e notas de Paulo Hecker Filho. Porto Alegre: L&PM, 2008.

pósitos egoístas acerca dos animais, fazendo-as perceber que cada vida animal importa e que seu maior adorno é a liberdade!

Parabenizando a todos os colaboradores envolvidos na elaboração desta obra, convido o leitor a conhecer, se encantar e a proteger as aves mineiras.

Dra. Luciana Imaculada de Paula

Promotora de Justiça
Coordenadoria Estadual de Defesa da Fauna |
Ministério Público de Minas Gerais

Apresentação



Minas Gerais concentra uma megadiversidade única, representada por mais de 11.200 espécies de plantas vasculares, 43% das espécies de aves, 36% de mamíferos, 32% de répteis e 25% das espécies de anfíbios que ocorrem no Brasil. Ao mesmo tempo, Minas Gerais infelizmente registra um dos maiores índices de tráfico de fauna do país. O tráfico de animais silvestres está entre as principais ameaças à fauna brasileira, sendo que o comércio ilegal é a força motriz dessa trágica realidade.

Dessa forma, a presente cartilha traz informações atualizadas sobre os animais mais frequentemente traficados no Estado, a partir de uma revisão da literatura desenvolvida pelo Instituto Prístino. Tais informações estão subsidiando análises no âmbito do projeto “Rotas do Tráfico da Fauna Silvestre de Minas Gerais”, o qual se insere entre as diversas ações da Coordenadoria Estadual de Defesa da Fauna (CEDEF)¹, vinculada ao Centro de Apoio Operacional das Promotorias de Justiça de Defesa do Meio Ambiente, do Patrimônio Histórico e Cultural e da Habitação e Urbanismo (CAOMA). Portanto, a cartilha tem como objetivo contribuir com a relevante missão institu-

¹ Resolução PGJ n.º 24, de 5 de dezembro de 2017. Disponível em: <http://defesadafauna.blog.br/wp-content/uploads/2018/05/RESOLUCAO-PGJ-N-24-DE-5-DE-DEZEMBRO-DE-2017.pdf>

cional da CEDEF, estimulando a cooperação com as Promotorias de Justiça de todo o estado para a adoção de medidas legais, judiciais e extrajudiciais necessárias à proteção da fauna.

A presente cartilha destaca as 15 espécies de animais silvestres mais frequentemente traficadas, todas do grupo das aves. As informações foram baseadas em dados publicados na literatura técnico-científica. Entre as mais de 390 espécies de animais com registro de tráfico em Minas Gerais, as aves representaram o grupo com maior número de indivíduos, incluindo espécies citadas em Listas Vermelhas, ou seja, aves com algum grau de ameaça de extinção. Esperamos que nossa publicação contribua para a reversão deste lamentável cenário de desrespeito à vida e de crueldade que aflige os animais-vítimas, os quais são alvo de todo tipo de maus-tratos: físicos, psicológicos e comportamentais.

Esperamos, ainda, que o material educativo desperte o interesse das pessoas em conhecer esses belos animais no seu ambiente natural e, com isso, contribuir também com um objetivo fundamental da CEDEF: promover a integração com a comunidade e estimular a participação desta na proteção e conservação da fauna local, em articulação com as Promotorias de Justiça envolvidas.

Introdução



O tráfico de animais silvestres abrange um grave problema socioambiental, com envolvimento de diversas atividades ilegais como a captura/caça na natureza, o transporte, o comércio e a manutenção em cativeiro. Infelizmente, a maioria dos animais silvestres é vítima de uma “demanda” da nossa própria sociedade, a qual mantém em residências “animais de estimação” ou para “ornamentação”, especificamente no caso das aves².

Entretanto, os impactos desse comércio ilegal são severos, tanto para os animais, que sofrem todo tipo de maus-tratos, quanto para os ecossistemas, os quais dependem do vigor das populações nativas para manter seu adequado funcionamento. E uma das principais implicações de manter os ambientes naturais funcionando é a provisão de serviços ambientais, ou seja, benefícios da natureza para a sociedade, sobre a qual voltaremos a falar com mais detalhe.

O comércio ilegal de animais silvestres tem impactos negativos diretos na sociedade, pois expõe pessoas a atividades ilegais e não trazem para o país alguma riqueza

² Vilela, D.A.R. *et al.* 2016. Principais ameaças e medidas de salvaguarda aos animais silvestres. *Revista do Ministério Público do Estado de Minas Gerais*. Edição Defesa da Fauna: 18-25. Disponível em: <https://www.mpmg.mp.br/conheca-o-mpmg/escola-institucional/publicacoes-tecnicas/revista-mpmg-juridico/>

que possa ser convertida em infraestrutura ou outros tipos de benefícios sociais. Outro aspecto relevante e muito preocupante do comércio ilegal e domesticação de animais silvestres está relacionado com as zoonoses, considerando que 75% das doenças humanas emergentes ou reemergentes do último século são de origem animal³. As doenças geralmente transmitidas por animais de estimação exóticos podem ser a raiva, tuberculose, brucelose, psitacose, H5N1-HP, salmonelose não tifoide e febre tifoide⁴.

O desafio para combater o tráfico de animais silvestres em Minas Gerais é enorme, e as principais ações de enfrentamento estão relacionadas principalmente a: 1) socialização do conhecimento, ou seja, informar as pessoas sobre o problema e como cada indivíduo pode e deve contribuir; e 2) gestão da informação por parte dos órgãos de controle e fiscalização, ou seja, uma informação robusta e atualizada contribui para refinar as estratégias de inteligência, controle e fiscalização.

Para contribuir com essas ações, o Instituto Prístino coordenou a compilação das espécies e a quantificação dos indivíduos alvos do tráfico em Minas Gerais a partir de um levantamento bibliográfico nas principais bases de consulta pública disponíveis (Google Acadêmico - scholar.google.com.br; Scielo - scielo.org; Web of Science - webofknowledge.com; Periódicos Capes – periodicos.capes.gov.br). Assim, os

³ Costa, F.J.V. *et al.* 2018. Espécies de Aves Traficadas no Brasil: Uma Meta-Análise com Ênfase nas Espécies Ameaçadas. *Fronteiras: Journal of Social, Technological and Environmental Science*, 7: 324-346. <http://dx.doi.org/10.21664/2238-8869.2018v7i2.p324-346>

⁴ Zanella, J.R.C. 2016. Zoonoses emergentes e reemergentes e sua importância para saúde e produção animal. *Pesquisa Agropecuária Brasileira*, 51(5), 510-519.

dados sobre o tráfico de fauna em Minas Gerais foram extraídos de 52 estudos publicados entre 1995 e 2019, incluindo dissertações de mestrado, teses de doutorado, resumos de congressos, relatórios técnicos e artigos científicos.

O grupo das aves (com 186.527 indivíduos) representa 98% de todos os animais traficados no Estado, seguido por répteis (2.363 indivíduos – 1,2%), mamíferos (1.695 indivíduos – 0,9%), e outros grupos. Entretanto, esses números são resultado de uma lacuna na descrição das espécies nos documentos oficiais e/ou na literatura especializada, uma vez que existem outros 75.628 animais traficados sem identificação taxonômica. As 15 espécies de animais silvestres com maior número de registros relacionados ao tráfico e reportados na literatura são aves. Embora esses números não representem a real quantidade de indivíduos traficados, a representatividade relativa dos grupos e espécies provavelmente deve ser equivalente, pois: 1) nem todos os indivíduos capturados na natureza sobrevivem até o momento da comercialização; 2) apenas uma minoria é apreendida⁵; 3) nos casos de apreensão, uma parcela ainda menor é reportada na literatura!

A maioria das 15 espécies de aves mais frequentemente traficadas no Estado de Minas Gerais é de pássaros (ordem Passeriformes) e duas são espécies de psitacídeos (ordem Psittaciformes). Dentre os Passeriformes, há representantes sobretudo da família Thraupidae (7 espécies), mas também de Turdidae (2 espécies), Cardinalidae, Frin-

⁵ RENTAS - Rede Nacional de controle ao Tráfico de Animais Silvestres. 2001. 1^o Relatório nacional sobre o tráfico de fauna silvestre. Brasília: RENTAS.

gillidae, Icteridae e Passerellidae (cada uma representada por uma espécie).

A presente cartilha contém uma ficha para cada uma das 15 espécies, com informações básicas acerca da taxonomia, conservação, principais características para identificação, distribuição geográfica, além de alguns dados de história natural e história de vida das espécies. Cada ficha também contém um código de barras (QR code) que tem a função de direcionar o usuário para um *site* de observação de aves e ciência cidadã⁶, o qual disponibiliza diversas fotos, sons de cantos e muita informação sobre as espécies. Também é informada, para cada espécie, a representatividade em porcentagem do número de indivíduos em relação ao total de aves traficadas no estado de Minas Gerais, com base na literatura, considerando-se as aves identificadas até o nível específico. As referências bibliográficas utilizadas estão listadas ao final de cada ficha, à exceção das listas consultadas sobre o grau de ameaça e alerta em comércio internacional, que foram: BirdLife International (2020)⁷ para consulta ao estado de ameaça internacional; ICMBio (2018)⁸ para consulta ao estado de ameaça nacional; COPAM (2010)⁹,

⁶ <https://www.wikiaves.com.br>

⁷ BirdLife International. 2020. IUCN Red List for birds. <http://www.birdlife.org>

⁸ ICMBio - Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade. 2018. Livro Vermelho da Fauna Brasileira Ameaçada de Extinção. Brasília: ICMBio/MMA. Disponível em: <https://www.icmbio.gov.br/portal/component/content/article/10187>

⁹ COPAM - Conselho Estadual de Política Ambiental. 2010. Lista de espécies da fauna ameaçadas de extinção no Estado de Minas Gerais, Deliberação Normativa COPAM nº 147, de 30 de abril de 2010. Diário Oficial do Estado de Minas Gerais (DOEMG) de 04 de maio de 2010.

para o grau de ameaça regional, no estado de Minas Gerais; Drummond *et al.* (2008)¹⁰, para as categorias das espécies quase-ameaçadas e deficientes em dados em Minas Gerais; e CITES (2019)¹¹, para alerta em comércio internacional. Detalhes sobre as Listas Vermelhas, sua relevância como ferramenta para a conservação e definições sobre as categorias de grau de ameaça de extinção estão no Anexo. O nome dos táxons seguiu o Comitê Brasileiro de Registros Ornitológicos¹².

As aves desempenham vários “papéis ecológicos” fundamentais, como a dispersão de sementes, a polinização, o controle de pestes (lembre-se que muitas aves se alimentam, por exemplo, de insetos e pequenos roedores) e a transferência de matéria e energia entre os ambientes devido a sua elevada capacidade de movimentação¹³. Embora ainda não exista um estudo abrangente o bastante para mensurar os impactos causados pela retirada de milhares (ou milhões?)¹⁴ de aves da natureza todos os anos, a literatura científica já tem consolidado que os danos podem ser intensos e nos atingir de forma direta, por exem-

¹⁰ Drummond, G.M. *et al.* (eds.) 2008. Listas vermelhas das espécies da fauna e flora ameaçadas de extinção em Minas Gerais. 2. ed. Belo Horizonte: Fundação Biodiversitas.

¹¹ CITES - Convention on International Trade in Endangered Species of Wild Fauna and Flora. 2019. Appendices I, II and III, valid from 26 November 2019. Disponível em: <https://www.cites.org/eng/app/appendices.php>.

¹² Piacentini, V.Q. *et al.* 2015. Lista comentada das aves do Brasil pelo Comitê Brasileiro de Registros Ornitológicos. Revista Brasileira de Ornitologia, 23: 91–298. http://revbrasilornitol.com.br/BJO/article/view/1263/pdf_905

¹³ Wenny, D.G. *et al.* 2011. The need to quantify ecosystem services provided by birds. The Auk, 128: 1-14. <https://doi.org/10.1525/auk.2011.10248>

¹⁴ Lembre-se da seguinte situação: nem todos os indivíduos capturados na natureza sobrevivem até o momento da comercialização, além disso, apenas uma minoria é apreendida e, nesse caso, uma parcela ainda menor é reportada na literatura!

plo, com a redução de importantes serviços ecossistêmicos, que envolvem também os chamados serviços de regulação e os serviços culturais. De acordo com o Ministério do Meio Ambiente¹⁵, os serviços ecossistêmicos são os benefícios da natureza para as pessoas, vitais para o bem-estar humano e para as atividades econômicas. Os serviços ecossistêmicos de regulação referem-se aos benefícios que as pessoas obtêm da regulação do ambiente devido aos processos dos ecossistemas e/ou das espécies; no caso das aves, como a restauração de ambientes pela dispersão de sementes realizada por aves que comem frutos, aumento na produtividade de frutos com a polinização por aves que consomem néctar, ciclagem de nutrientes e higienização de ambientes por aves carniceiras ou o controle biológico de pragas, realizado por aves insetívoras e rapinantes. Os serviços ecossistêmicos culturais são aqueles que as pessoas obtêm do contato com a natureza, sendo as aves importantes elementos estéticos de contemplação, inspiração, valor científico, educacional, recreação, turismo, e mesmo de identidade espiritual em algumas culturas. Desse modo, são muitos os benefícios de manter as aves em seus ambientes naturais, onde elas podem exercer seus papéis ecológicos, bem como melhor beneficiar a sociedade humana.

Então, lembre-se: nunca compre animais silvestres e denuncie o comércio ilegal. Ligue para a Polícia Militar (190) ou procure a Promotoria de Justiça de Defesa do Meio Ambiente de sua cidade.

¹⁵ <https://mma.gov.br/biodiversidade/economia-dos-ecossistemas-e-da-biodiversidade/servicos-ecossistemicos.html#servicos-ecossistemicos>

01 - Defesa da Fauna e do Ambiente do Paraná

TRÁFICO DE ANIMAIS SILVESTRES É CRIME



Eles não são animais de estimação e devem permanecer na natureza. Não capture, não compre e não mantenha em cativeiro.

DENUNCIE

Ligue para a Polícia Militar (190) ou procure a Promotoria de Justiça de Defesa do Meio Ambiente da sua cidade.



Fonte: <https://defesadafauna.blog.br/wp-content/uploads/2018/01/cartaz-gedef-01.jpg>

Tabela 1

Espécies mais frequentemente traficadas em Minas Gerais, conforme informações disponíveis na literatura técnico-científica

Ranking	Espécie	Nome popular	Nº indivíduos
1	<i>Sicalis flaveola</i>	canário-da-terra	31.033
2	<i>Saltator similis</i>	trinca-ferro	28.822
3	<i>Cyanoloxia brissonii</i>	azulão	9.540
4	<i>Sporophila nigricollis</i>	baiano	9.488
5	<i>Sporophila caerulescens</i>	coleirinho	6.154
6	<i>Sporophila angolensis*</i>	curió	3.957
7	<i>Zonotrichia capensis</i>	tico-tico	3.706
8	<i>Amazona aestiva*</i>	papagaio	3.673
9	<i>Gnorimopsar chopi</i>	pássaro-preto	3.306
10	<i>Sporophila lineola</i>	bigodinho	1.874
11	<i>Psittacara leucophthalmus*</i>	periquitão	1.804
12	<i>Turdus rufiventris</i>	sabiá-laranjeira	1.570
13	<i>Sporophila frontalis*</i>	pixoxó	1.538
14	<i>Spinus magellanicus*</i>	pintassilgo	1.435
15	<i>Turdus leucomelas</i>	sabiá-branco	1.300

* espécies com especial relevância conservacionista por estarem inseridas em listas vermelhas de espécies ameaçadas de extinção e/ou alerta em comércio internacional (CITES).

Catálogo



#1 *Sicalis flaveola*

Nome popular: canário-da-terra;
canário-da-terra-verdadeiro, chapinha,
canário-do-campo

Ordem: Passeriformes

Família: Thraupidae

Nome científico com autoria: *Sicalis flaveola*
(Linnaeus, 1766)

Significado do nome científico: amarelinho



<https://www.wikiaves.com.br/wiki/canario-da-terra>

Listas Vermelhas – categorias de ameaça

Minas Gerais: Não consta

Brasil: Menos Preocupante

Global: Menos Preocupante

Alerta em comércio internacional (CITES):
Não consta

**Representatividade no tráfico de fauna
em Minas Gerais:** 26,6% das aves

Foto: Augusto Gomes



Características para identificação:

13,5–15 cm; 12–23,4 g. Plumagem amarela. Macho com testa e topo da cabeça laranja – às vezes garganta e face também levemente alaranjados, dorso mais oliváceo com finas estrias escuras. Fêmea distinta, de coloração menos vibrante e com laranja reduzido no topo da cabeça e ventre também estriado.

Variação entre as cinco subespécies, sendo duas de ocorrência no Brasil: *Sicalis flaveola brasiliensis* (Gmelin, 1789), que pode ter a cor alaranjada alcançando até o alto da cabeça, sendo mais restrita à testa em *Sicalis flaveola pelzelni* Sclater, 1872, que é menor e apresenta estrias mais evidentes no corpo. Outra subespécie, extrabrasileira, mas cujo tráfico tem ocorrência em Minas Gerais, *S. f. valida* Bangs & T. E. Penard, 1921, é mais escura no geral, com o esverdeado do dorso estendendo-se até a nuca, além de ser mais pesada.

Distribuição geográfica:

Ocorrência principalmente extra-amazônica, do nordeste ao sul do Brasil; também em outros países da América do Sul. *Sicalis f. brasiliensis* se distribui mais a leste (incluindo Minas Gerais) e *S. f. pelzelni* mais a oeste; *S. f. valida* é exótica no Brasil, ocorrendo no Equador e Peru.

História natural:

Habitat: ampla variedade de habitats, geralmente semiabertos com árvores ou arbustos dispersos, incluindo áreas agrícolas e urbanas.

Alimentação: sementes, também pequenos artrópodes; forrageia no solo.

Em pares ou bandos, que podem ser numerosos; às vezes em bandos mistos (i.e., com outras espécies).

História de vida:

Estação reprodutiva: outubro a março.

Tamanho da ninhada: 2-5 ovos (mais comumente: 3-4 ovos).

Número de ninhadas/estação: podem ter mais de uma ninhada.

Referências:

Sobre o tráfico da espécie em Minas Gerais: Anastácio 2017, Barreto 2014, Borges *et al.* 2006, Dutra *et al.* 2016, Franco *et al.* 2012, Freitas 2014, Freitas *et al.* 2015, Gogliath *et al.* 2010, Souza & Vilela 2014, Souza *et al.* 2014, Vasconcelos & Melo-Júnior 2001.

Sobre características da espécie: Marques-Santos *et al.* 2015, Ridgely *et al.* 2015, Rising & Jaramillo 2020c, Sick 1997, Silveira & Méndez 1999, Wilman *et al.* 2014.

#2 *Saltator similis*

Nome popular: trinca-ferro; trinca-ferro-verdadeiro, bico-de-ferro

Ordem: Passeriformes

Família: Thraupidae

Nome científico com autoria: *Saltator similis* (d'Orbigny & Lafresnaye, 1837)

Significado do nome científico: dançarino semelhante ao tangará



<https://www.wikiaves.com.br/wiki/trinca-ferro>

Listas Vermelhas – categorias de ameaça

Minas Gerais: Não consta

Brasil: Menos Preocupante

Global: Menos Preocupante

Alerta em comércio internacional (CITES):
Não consta

Representatividade no tráfico de fauna em Minas Gerais: 24,7% das aves

Foto: Lillian Mariana Costa



Características para identificação:

20–21 cm; 36–54 g. Plumagem cinza-olivácea; cauda e cabeça acinzentadas, com longo supercílio (“sobrancelha”), queixo e garganta brancos, faixas malares (laterais à garganta) enegrecidas; dorso e asas mais esverdeados e partes inferiores pardas.

As duas subespécies reconhecidas ocorrem no Brasil: *S. s. ochraceiventris* Berlepsch, 1912 difere da nominal, *S. s. similis* d’Orbigny & Lafresnaye, 1837, por possuir as partes inferiores mais escuras e mais ocráceas.

Distribuição geográfica:

Distribui-se pelo Brasil central, leste e sul; também em outros países da América do Sul. *Saltator s. similis* mais ao norte (incluindo Minas Gerais) e *S. s. ochraceiventris* mais ao sul.

História natural:

Hábitat: matas, incluindo bordas e clareiras.

Alimentação: invertebrados, também frutos, ocasionalmente néctar e folhas; forrageia nos estratos médios do sub-bosque até o subdossel.

Principalmente em pares; às vezes em bandos mistos (i.e., com outras espécies).

História de vida:

Estação reprodutiva: setembro a janeiro.

Tamanho da ninhada: 2-3 ovos (mais comumente: 2 ovos).

Referências:

Sobre o tráfico da espécie em Minas Gerais: Anastácio 2017, Barreto 2014, Borges *et al.* 2006, Franco *et al.* 2012, Freitas 2014, Freitas *et al.* 2015, Gogliath *et al.* 2010, Nardy 2006 apud Alvarenga 2014, Ribon *et al.* 2003, Souza & Vilela 2014, Souza *et al.* 2014.

Sobre características da espécie: Brewer 2020a, Ridgely *et al.* 2015, Sick 1997, Wilman *et al.* 2014.

#3 *Cyanoloxia brissonii*

Nome popular: azulão;
azulão-verdadeiro, azulão-bicudo

Ordem: Passeriformes

Família: Cardinalidae

Nome científico com autoria:
Cyanoloxia brissonii (Lichtenstein, 1823)

Significado do nome científico: azul-escuro
com bico forte de Brisson



<https://www.wikiaves.com.br/wiki/azulao>

Listas Vermelhas – categorias de ameaça

Minas Gerais: Não consta

Brasil: Menos Preocupante

Global: Menos Preocupante

Alerta em comércio internacional (CITES):
Não consta

**Representatividade no tráfico de fauna
em Minas Gerais:** 8,2% das aves

Foto: Daniel Dias



Características para identificação:

15–15,5 cm; 27–28 g. Bico muito robusto, cinza-escuro. Macho de plumagem azul-escuro brilhante; testa, supercílio (“sobrancelha”), “bochecha” e “ombro” azul-claro; loro (área entre olho e bico), área abaixo dos olhos e na base do bico, asas e cauda enegrecidas. Fêmea distinta do macho, de plumagem marrom, mais escuro no dorso e mais claro, alaranjado, no ventre.

Três das cinco subespécies ocorrem no Brasil: em relação à subespécie nominal, *C. b. brissonii* (Lichtenstein, 1823), *C. b. sterea* Oberholser, 1901 é menor e mais escura e *C. b. argentina* (Sharpe, 1888) é maior e com o padrão claro frontal mais extenso.

Distribuição geográfica:

Ocorrência principalmente extra-amazônica, do nordeste ao sul do Brasil; também em outros países da América do Sul. *Cyanoloxia b. brissonii* no nordeste, *C. b. argentina* no extremo oeste e *C. b. sterea* no restante do Brasil (incluindo Minas Gerais).

História natural:

Hábitat: vegetação semiaberta, formações secundárias densas, bordas de mata e de áreas úmidas, áreas agrícolas. Alimentação: sementes e frutos, também invertebrados; forrageia próximo ao solo.

História de vida:

Estação reprodutiva: outubro a fevereiro (Argentina).
Tamanho da ninhada: 2 ovos.

Referências:

Sobre o tráfico da espécie em Minas Gerais: Anastácio 2017, Barreto 2014, Borges *et al.* 2006, Franco *et al.* 2012, Freitas 2014, Freitas *et al.* 2015, Gogliath *et al.* 2010, Martinez *et al.* 2018, Ribon *et al.* 2003, Souza & Vilela 2013, Souza *et al.* 2014, Vasconcelos & Melo-Júnior 2001.
Sobre características da espécie: Brewer 2020b, Di Giacomo 2005, Ridgely *et al.* 2015, Sick 1997, Wilman *et al.* 2014

#4 *Sporophila nigricollis*

Nome popular: baiano; papa-arroz, papa-capim-de-peito-preto, papa-capim-capuchinho, coleiro-baiano

Ordem: Passeriformes

Família: Thraupidae

Nome científico com autoria: *Sporophila nigricollis*
(Vieillot, 1823)

Significado do nome científico: ave que gosta de sementes e que tem o pescoço negro



<https://www.wikiaves.com.br/wiki/baiano>

Listas Vermelhas – categorias de ameaça

Minas Gerais: Não consta

Brasil: Menos Preocupante

Global: Menos Preocupante

Alerta em comércio internacional (CITES):
Não consta

Representatividade no tráfico de fauna em Minas Gerais: 8,1% das aves

Foto: Augusto Gomes



Características para identificação:

8,5–11 cm; 8,5–11,2 g. Bico grosso e curto, de altura similar ao comprimento. Macho com plumagem da cabeça negra, até o peito; partes superiores oliváceas, com discreto estriado no dorso, e partes inferiores amarelo pálido, geralmente com pintas escuras borradas nos flancos; bico claro, cinza azulado. Fêmea distinta do macho, semelhante às fêmeas de outras espécies do gênero *Sporophila*, de plumagem pardacenta, marrom mais escuro no dorso e pálido no ventre; bico escuro. Assemelha-se muito à espécie *Sporophila ardesiaca* (Dubois, 1894) – papa-capim-de-costas-cinzas, papa-arroz-de-barriga-branca –, que já foi considerada como subespécie de *S. nigricollis*, mas possui as partes superiores acinzentadas e as inferiores brancas.

Distribuição geográfica:

Ocorrência ampla pelo Brasil, principalmente extra-amazônica (*S. ardesiaca* mais restrita ao sudeste); também em outros países da América do Sul.

História natural:

Habitat: campos, incluindo áreas agrícolas e áreas degradadas.

Alimentação: quase exclusivamente de sementes de capim, também invertebrados; forrageia próximo ao solo.

Frequentemente em pequenos bandos, às vezes muito numerosos.

Movimentos dispersivos ou nômades reportados durante os períodos de seca ou escassez de alimento.

História de vida:

Estação reprodutiva: dezembro a março.

Tamanho da ninhada: 2-3 ovos (mais comumente: 2 ovos).

Referências:

Sobre o tráfico da espécie em Minas Gerais: Barreto 2014, Borges *et al.* 2006, Franco *et al.* 2012, Freitas 2014, Freitas *et al.* 2015, Gogliath *et al.* 2010, Souza *et al.* 2014.

Sobre características da espécie: Ferreira & Lopes 2017b, Ridgely *et al.* 2015, Rising *et al.* 2020, Sick 1997, Wilman *et al.* 2014.

#5 *Sporophila caerulescens*



<https://www.wikiaves.com.br/wiki/coleirinho>

Nome popular: coleirinho; papa-capim, coleirinha-dupla, papa-capim-de-peito-amarelo

Ordem: Passeriformes

Família: Thraupidae

Nome científico com autoria: *Sporophila caerulescens* (Vieillot, 1823)

Significado do nome científico: ave azulada que gosta de sementes

Listas Vermelhas – categorias de ameaça

Minas Gerais: Não consta

Brasil: Menos Preocupante

Global: Menos Preocupante

Alerta em comércio internacional (CITES):
Não consta

Representatividade no tráfico de fauna em Minas Gerais: 5,3% das aves

Foto: Augusto Gomes



Características para identificação:

11 cm; 7,4–12,5 g. Bico grosso e curto, de altura similar ao comprimento, amarelo-esverdeado. Macho com plumagem da cabeça cinza, enegrecida na região testa e próximo ao bico e na garganta, com distinto delineamento branco formando um “bigode” e “coleira” em padrão inconfundível; discreto contorno branco abaixo dos olhos; partes superiores e cauda cinza oliváceos e partes inferiores brancas ou amareladas, com faixa preta no peito abaixo da coleira branca e manchas cinza nos flancos. Fêmea distinta do macho, semelhante às fêmeas de outras espécies do gênero *Sporophila*, de plumagem pardacenta, marrom mais escuro no dorso e pálido no ventre, garganta mais clara; bico escuro em cima e amarelado embaixo.

Duas das três subespécies ocorrem no Brasil: macho de *S. c. hellmayri* Wolters, 1939 possui região anterior da cabeça mais escura do que a subespécie nominal, *S. c. caerulescens* (Vieillot, 1823).

Distribuição geográfica:

Ocorrência ampla no Brasil, exceto porção mais setentrional das regiões norte e nordeste; também em outros países da América do Sul. *Sporophila c. hellmayri* ocorre na porção mais nordeste e *S. c. caerulescens* no restante da distribuição brasileira.

História natural:

Hábitat: vegetação semiaberta, formações secundárias, bordas de mata, áreas agrícolas e áreas degradadas.

Alimentação: sementes, sobretudo de capim, também invertebrados; forrageia no e próximo ao solo.

Geralmente isolada ou em pares, às vezes em pequenos bandos.

Espécie é parcialmente migratória, sobretudo ao norte e sul da distribuição.

História de vida:

Estação reprodutiva: dezembro a maio.

Tamanho da ninhada: 2-3 ovos.

Referências:

Sobre o tráfico da espécie em Minas Gerais: Anastácio 2017, Barreto 2014, Borges *et al.* 2006, Freitas 2014, Freitas *et al.* 2015, Gogliath *et al.* 2010, Souza *et al.* 2014, Vasconcelos & Melo-Júnior 2001.

Sobre características da espécie: Jaramillo 2020b, Ridgely *et al.* 2015, Sick 1997, Somenzari *et al.* 2018, Wilman *et al.* 2014.

#6 *Sporophila angolensis*

Nome popular: curió; avinhado

Ordem: Passeriformes

Família: Thraupidae

Nome científico com autoria:

Sporophila angolensis (Linnaeus, 1766)

Significado do nome científico:

ave angolana que gosta de sementes



<https://www.wikiaves.com.br/wiki/curio>

Listas Vermelhas – categorias de ameaça

Minas Gerais: Criticamente ameaçada

Brasil: Menos Preocupante

Global: Menos Preocupante

Alerta em comércio internacional (CITES):

Não consta

**Representatividade no tráfico de fauna
em Minas Gerais:** 3,4% das aves

Foto: Eduardo Franco



Características para identificação:

11–13 cm; 11,4–14,5 g. Bico curto e muito robusto, preto. Macho de plumagem preta, com partes inferiores castanhas a partir da porção baixa do peito; pequena mancha branca na base das primárias. Fêmea distinta do macho, de plumagem inteiramente marrom, mais escuro no dorso e mais claro no ventre.

As duas subespécies reconhecidas ocorrem no Brasil: *S. a. torrida* (Scopoli, 1769) possui menor bico e tamanho corpóreo, além de cauda relativamente mais curta do que *S. a. angolensis* (Linnaeus, 1766).

Distribuição geográfica:

Distribuição ampla em praticamente todo o Brasil; também em outros países da América do Sul. *Sporophila a. torrida* ocorre na região amazônica e *S. a. angolensis* no restante da distribuição brasileira.

História natural:

Hábitat: clareiras e bordas de matas e áreas úmidas, matas secundárias.

Alimentação: sementes, também frutos e outros materiais vegetais; forrageia próximo do ou no solo.

Geralmente isolada ou em pares, às vezes em pequenos bandos mistos com outras espécies granívoras.

História de vida:

Estação reprodutiva: setembro a fevereiro.

Tamanho da ninhada: 2-3 ovos (mais comumente: 2 ovos).

Referências:

Sobre o tráfico da espécie em Minas Gerais: Anastácio 2017, Barreto 2014, Borges *et al.* 2006, Freitas 2014, Freitas *et al.* 2015, Gogliath *et al.* 2010, Souza & Vilela 2013, Souza *et al.* 2014.

Sobre características da espécie: Ridgely *et al.* 2015, Rising & Jaramillo 2020a, Sick 1997, Wilman *et al.* 2014.

#7 *Zonotrichia capensis*



<https://www.wikiaves.com.br/wiki/tico-tico>

Nome popular: tico-tico

Ordem: Passeriformes

Família: Passerellidae

Nome científico com autoria:

Zonotrichia capensis (Statius Muller, 1776)

Significado do nome científico: pássaro com cabelo listrado do Cabo da Boa Esperança

Listas Vermelhas – categorias de ameaça

Minas Gerais: Não consta

Brasil: Menos Preocupante

Global: Menos Preocupante

Alerta em comércio internacional (CITES):

Não consta

Representatividade no tráfico de fauna em Minas Gerais: 3,2% das aves

Foto: Lillian Mariana Costa



Características para identificação:

12–15 cm; 16,8–31 g. Bico cônico, cinzento-escuro; plumagem marrom, rajada de preto bem marcado no dorso e asas; cabeça cinzenta, com três faixas pretas em cada lateral – uma pós-ocular, uma inferior à região auricular delimitando a garganta branca, e outra superior delimitando uma crista que frequentemente se eleva; nuca e lateral do pescoço ferrugíneos; asas com duas estreitas faixas brancas; partes inferiores mais claras, branco-acinzentadas, pardas nos flancos.

Sete das pelo menos 25 subespécies reconhecidas ocorrem no Brasil, podendo variar principalmente em tamanho, na intensidade da coloração e no padrão da cabeça: *Z. c. inaccessibilis* Phelps & Phelps, 1955, *Z. c. roraimae* (Chapman, 1929), *Z. c. capensis* (Statius Muller, 1776), *Z. c. tocantinsi* Chapman, 1940, *Z. c. novaesi* Oren, 1985, *Z. c. matutina* (Lichtenstein, 1823), *Z. c. subtorquata* Swainson, 1837.

Distribuição geográfica:

Ocorrência ampla no Brasil, com exceção do extremo noroeste; também em outros países das Américas do Sul e Central. *Zonotrichia c. subtorquata* ocorre no sul, sudeste e maior parte do centro-oeste, *Z. c. matutina* ocorre no nordeste e na porção norte da região centro-oeste do Brasil, e as demais espécies se distribuem no norte do país.

História natural:

Hábitat: vegetação aberta e semiaberta, áreas degradadas, agrícolas e antropizadas.

Alimentação: sementes; também invertebrados e matéria vegetal; forrageia geralmente próximo do ou no solo.

Frequentemente aos pares, podem reunir-se em pequenos bandos.

História de vida:

Estação reprodutiva: outubro a dezembro.

Tamanho da ninhada: 2-5 ovos.

Número de ninhadas/estação: pode ter mais de uma ninhada.

Referências:

Sobre o tráfico da espécie em Minas Gerais: Anastácio 2017, Barreto 2014, Borges *et al.* 2006, Freitas 2014, Freitas *et al.* 2015, Gogliath *et al.* 2010, Souza *et al.* 2014.

Sobre características da espécie: Lopes *et al.* 2013, Ridgely *et al.* 2015, Rising & Jaramillo 2020b, Sick 1997, Wilman *et al.* 2014.

#8 *Amazona aestiva*

Nome popular: papagaio; papagaio-verdadeiro, curau, papagaio-comum, papagaio-de-frente-azul

Ordem: Psittaciformes

Família: Psittacidae

Nome científico com autoria:

Amazona aestiva (Linnaeus, 1758)

Significado do nome científico: papagaio do calor da floresta amazônica



<https://www.wikiaves.com.br/wiki/papagaio-verdadeiro>

Listas Vermelhas – categorias de ameaça

Minas Gerais: Não consta

Brasil: Quase-ameaçada

Global: Quase-ameaçada

Alerta em comércio internacional (CITES):

Sim (Apêndice II)

Representatividade no tráfico de fauna em Minas Gerais: 3,2% das aves

Foto: Eduardo Franco



Características para identificação:

34-37 cm; c. 400 g. Plumagem verde, testa azul; topo da cabeça, face, queixo e garganta amarelos, azuis ou verdes; sutil escamado escuro no dorso superior; “ombro” vermelho ou amarelo e espelho da asa vermelho, primárias com ponta azul-escuro; cauda com ponta amarelada e base vermelha nas laterais.

As duas subespécies reconhecidas ocorrem no Brasil: “ombro” de *A. a. aestiva* (Linnaeus, 1758) é vermelho e em *A. a. xanthopteryx* (Berlepsch, 1896) é amarelo, frequentemente misturado de forma variável com o vermelho.

Distribuição geográfica:

Ocorrência principalmente extra-amazônica, do nordeste ao sul do Brasil; também em outros países da América do Sul. *Amazona a. xanthopteryx* ocorre no extremo oeste e *A. a. aestiva* no restante da distribuição brasileira.

História natural:

Habitat: savanas, matas, também em áreas agrícolas; frequentemente associada a áreas de crescimento antigo, com grandes árvores que fornecem cavidades para ninhos.

Alimentação: Frutos e sementes; ocasionalmente flores.

Aos pares ou em pequenos bandos; às vezes reunidos em grupos numerosos.

História de vida:

Estação reprodutiva: outubro a março.

Tamanho da ninhada: 1-5 ovos (mais comumente: 3-4 ovos).

Referências:

Sobre o tráfico da espécie em Minas Gerais: Afonso 2016, Anastácio 2017, Araujo 2011, Araujo *et al.* 2015, Borges *et al.* 2006, Bretz 2015, Franco *et al.* 2012, Freitas 2014, Freitas *et al.* 2015, Gogliath *et al.* 2010, Lopes 2016, Ortiz 2014, Souza *et al.* 2014, Vilela 2012.

Sobre características da espécie: Collar *et al.* 2020b, Ridgely *et al.* 2015, Sick 1997, Wilman *et al.* 2014.

#9 *Gnorimopsar chopi*

Nome popular: pássaro-preto; graúna, melro, assum-preto

Ordem: Passeriformes

Família: Icteridae

Nome científico com autoria:
Gnorimopsar chopi (Vieillot, 1819)

Significado do nome científico: ave notável parecida com um estorninho



<https://www.wikiaves.com.br/wiki/grauna>

Listas Vermelhas – categorias de ameaça

Minas Gerais: Não consta

Brasil: Menos Preocupante

Global: Menos Preocupante

Alerta em comércio internacional (CITES):
Não consta

Representatividade no tráfico de fauna em Minas Gerais: 2,8% das aves

Foto: Augusto Gomes



Características para identificação:

21,5–25,5 cm, 66–90 g. Plumagem preta; bico preto cônico, com característico sulco diagonal na mandíbula; penas da cabeça pontiagudas e frequentemente com aparência desarrumada.

Duas das três subespécies ocorrem no Brasil: *G. c. sulcirostris* (Spix, 1824) é maior, mais brilhante e possui bico com sulco mais acentuado do que a nominal, *G. c. chopi* (Vieillot, 1819).

Distribuição geográfica:

Ocorrência principalmente extra-amazônica, em todo o Brasil; também em outros países da América do Sul. *Gnorimopsar c. sulcirostris* tem distribuição mais setentrional, ocorrendo até o norte de Minas Gerais, e *G. c. chopi* se distribui no restante do país.

História natural:

Habitat: savanas, matas abertas, clareiras e bordas de florestas, áreas agrícolas e antropizadas.

Alimentação: invertebrados, também sementes e frutos e ocasionalmente vertebrados e néctar; forrageia principalmente no solo.

Em bandos, que podem ser numerosos (~100 indivíduos).

História de vida:

Estação reprodutiva: outubro a janeiro.

Tamanho da ninhada: 3-5 ovos.

Referências:

Sobre o tráfico da espécie em Minas Gerais: Anastácio 2017, Barreto 2014, Borges *et al.* 2006, Franco *et al.* 2012, Freitas 2014, Freitas *et al.* 2015, Gogliath *et al.* 2010, Souza *et al.* 2014.

Sobre características da espécie: Fraga 2020, Ridgely *et al.* 2015, Sick 1997, Wilman *et al.* 2014.

#10 *Sporophila lineola*

Nome popular: bigodinho; papa-capim, estrelinha, cigarrinha

Ordem: Passeriformes

Família: Thraupidae

Nome científico com autoria:

Sporophila lineola (Linnaeus, 1758)

Significado do nome científico: (Ave com) pequena linha que gosta de sementes



<https://www.wikiaves.com.br/wiki/bigodinho>

Listas Vermelhas – categorias de ameaça

Minas Gerais: Não consta

Brasil: Menos Preocupante

Global: Menos Preocupante

Alerta em comércio internacional (CITES):

Não consta

Representatividade no tráfico de fauna em Minas Gerais: 1,6% das aves



Foto: Lillian Mariana Costa

Características para identificação:

10–11 cm; 7,5–12 g. Bico preto grosso e curto, de altura similar ao comprimento. Macho tem o dorso e a maior parte da cabeça e garganta pretos, com três faixas brancas conspícuas na cabeça – uma ao longo da linha média do topo da cabeça e duas laterais triangulares formando um largo “bigode”; pequena mancha branca na asa preta dobrada; partes inferiores brancas. Fêmea distinta do macho, semelhante às fêmeas de outras espécies do gênero *Sporophila*, de plumagem pardacenta, marrom mais escuro no dorso e pálido no ventre; bico pardo, mandíbula amarelo-claro.

Distribuição geográfica:

Ocorrência ampla no Brasil, com exceção do extremo sul; também em outros países da América do Sul.

História natural:

Habitat: áreas abertas com capinzais e áreas adjacentes arbustivas e de bordas de matas, áreas agrícolas.

Alimentação: sementes; forrageia no ou próximo ao solo.

Em pares, ou pequenos bandos.

Espécie é parcialmente migratória, sobretudo a norte, oeste e sul da distribuição.

História de vida:

Estação reprodutiva: novembro a abril.

Tamanho da ninhada: 2-4 ovos (mais comumente: 2 ovos).

Número de ninhadas/estação: pode ter mais de uma ninhada.

Referências:

Sobre o tráfico da espécie em Minas Gerais: Anastácio 2017, Barreto 2014, Borges *et al.* 2006, Freitas 2014, Freitas *et al.* 2015, Gogliath *et al.* 2010, Souza *et al.* 2014.

Sobre características da espécie: Ferreira & Lopes 2017a, Jaramillo & Kirwan 2020, Ridgely *et al.* 2015, Somenzari *et al.* 2018, Sick 1997, Wilman *et al.* 2014.

#11 *Psittacara leucophthalmus*

Nome popular: periquitão; periquitão-maracanã, maritaca, maricatã

Ordem: Psittaciformes

Família: Psittacidae

Nome científico com autoria:

Psittacara leucophthalmus (Statius Muller, 1776)

Significado do nome científico: (Ave) com cabeça de papagaio e olho branco



<https://www.wikiaves.com.br/wiki/periquitao-maracana>

Listas Vermelhas – categorias de ameaça

Minas Gerais: Não consta

Brasil: Menos Preocupante

Global: Menos Preocupante

Alerta em comércio internacional (CITES):

Sim (Apêndice II)

Representatividade no tráfico de fauna em Minas Gerais: 1,5% das aves

Foto: Daniel Filipe Dias



Características para identificação:

32–35 cm; 100–218 g. Plumagem verde, mais clara no ventre; algumas manchas vermelhas na cabeça e pescoço; anel orbital nu branco acinzentado; borda da asa e as coberteiras inferiores menores são vermelhas, e as maiores são amarelas; face interna das penas de voo da asa e cauda amarelo-oliváceo.

Duas das três subespécies ocorrem no Brasil: *P. l. callogenys* (Salvadori, 1891) é maior, de plumagem mais escura e bico mais grosso do que a nominal, *P. l. leucophthalmus* (Statius Muller, 1776).

Distribuição geográfica:

Ocorrência ampla no Brasil, com exceção do extremo nordeste e norte; também em outros países da América do Sul. Na porção norte da distribuição brasileira ocorre *P. l. callogenys* e no restante ocorre *P. l. leucophthalmus*.

História natural:

Habitat: savanas, borda de florestas, matas abertas e secundárias, também em áreas antropizadas.

Alimentação: frutos e sementes, e outras partes vegetais; também invertebrados e, ocasionalmente, flores.

Aos pares ou em bandos, que podem ser grandes.

História de vida:

Estação reprodutiva: janeiro a março.

Tamanho da ninhada: 3-4 ovos.

Referências:

Sobre o tráfico da espécie em Minas Gerais: Araujo 2011, Araujo *et al.* 2015, Borges *et al.* 2006, Freitas 2014, Freitas *et al.* 2015, Gogliath *et al.* 2010, Souza *et al.* 2014, Telles 2010.

Sobre características da espécie: Collar *et al.* 2020a, Ridgely *et al.* 2015, Sick 1997, Wilman *et al.* 2014.

#12 *Turdus rufiventris*

Nome popular: sabiá-laranjeira;
sabiá-de-barriga-vermelha

Ordem: Passeriformes

Família: Turdidae

Nome científico com autoria:

Turdus rufiventris (Vieillot, 1818)

Significado do nome científico: Tordo com a barriga castanha



<https://www.wikiaves.com.br/wiki/sabia-laranjeira>

Listas Vermelhas – categorias de ameaça

Minas Gerais: Não consta

Brasil: Menos Preocupante

Global: Menos Preocupante

Alerta em comércio internacional (CITES):

Não consta

Representatividade no tráfico de fauna em Minas Gerais: 1,3% das aves

Foto: Lillian Mariana Costa



Características para identificação:

23–25 cm; 68–82 g. Plumagem amarronzada, mais escura no dorso; partes inferiores alaranjadas, exceto o peito, pardo, e a garganta esbranquiçada com estrias marrons; anel ocular amarelo alaranjado; bico amarelo-escuro.

As duas subespécies reconhecidas ocorrem no Brasil: *T. r. juensis* (Cory, 1916), menor, de coloração mais pálida e de bico mais longo que a subespécie nominal, *T. r. rufiventris* Vieillot, 1818.

Distribuição geográfica:

Ocorrência extra-amazônica, do nordeste ao sul do Brasil; também em outros países da América do Sul. *Turdus r. juensis* ocorre no nordeste e *T. r. rufiventris* no restante da distribuição.

História natural:

Habitat: savanas, matas abertas e secundárias, bordas de florestas, áreas agrícolas e antropizadas, com árvores.

Alimentação: frutos e invertebrados; forrageia frequentemente no solo.

História de vida:

Estação reprodutiva: agosto a janeiro.

Tamanho da ninhada: 2-6 ovos (mais comumente: 3 ovos).

Referências:

Sobre o tráfico da espécie em Minas Gerais: Barreto 2014, Borges *et al.* 2006, Freitas 2014, Freitas *et al.* 2015, Gogliath *et al.* 2010, Souza *et al.* 2014.

Sobre características da espécie: Collar 2020, Ridgely *et al.* 2015, Sick 1997, Wilman *et al.* 2014.

#13 *Sporophila frontalis*

Nome popular: pixoxó, catatau, taquara

Ordem: Passeriformes

Família: Thraupidae

Nome científico com autoria:

Sporophila frontalis (Verreaux, 1869)

Significado do nome científico: (Ave com) com testa (escura) que gosta de sementes



<https://www.wikiaves.com.br/wiki/pixoxo>

Listas Vermelhas – categorias de ameaça

Minas Gerais: Em perigo

Brasil: Vulnerável

Global: Vulnerável

Alerta em comércio internacional (CITES):

Não consta

Representatividade no tráfico de fauna em Minas Gerais: 1,3% das aves

Foto: Guilherme Freitas



Características para identificação:

12,5-13,5 cm; 19,8–21 g. O maior dos papa-capins. Bico curto, alto e fortemente arredondado, com maxila mais estreita e frequentemente mais escura que a mandíbula, de cor parda à alaranjada. Plumagem marrom olivácea nas partes superiores; cabeça mais acinzentada, com padrões de cor creme – uma larga faixa na testa (nem sempre presente), uma faixa estreita pós-ocular e outra formando um “bigode”, que se separa da garganta clara com uma estreita faixa escura; asa com duas faixas e pequena mancha claras; partes inferiores amarelo esbranquiçadas, mais oliváceas nas laterais. Fêmea distinta do macho, sem padrões de cores na cabeça, mais olivácea no ventre.

Distribuição geográfica:

De ocorrência localizada ao longo de sua área de distribuição, que se estende do sul da Bahia ao Rio Grande do Sul; também em outros países da América do Sul. Considerada endêmica do domínio da Mata Atlântica.

História natural:

Hábitat: Florestas, clareiras e bordas de mata, com presença de taquarais (*Guadua*, *Chusquea*, *Merostachys*); às vezes em arrozais.

Alimentação: especializado em sementes de taquaras; também invertebrados; forrageia acima do solo, no estrato arbóreo.

Podem unir-se em bandos numerosos, incluindo bandos mistos (i.e., com outras espécies), sobretudo em eventos de frutificação em massa das taquaras.

Apresenta comportamento nômade em função dos eventos de frutificação em massa das taquaras.

História de vida:

Estação reprodutiva: junho a agosto; reprodução registrada durante eventos de frutificação em massa das taquaras.

Tamanho da ninhada: 2-6 ovos (mais comumente: 3 ovos).

Número de ninhadas/estação: pode ter mais de uma ninhada.

Referências:

Sobre o tráfico da espécie em Minas Gerais: Anastácio 2017, Barreto 2014, Borges *et al.* 2006, Freitas 2014, Freitas *et al.* 2015, Gogliath *et al.* 2010, Souza & Vilela 2013, Souza *et al.* 2014.

Sobre características da espécie: Areta *et al.* 2013, Jaramillo 2020a, Ridgely *et al.* 2015, Sick 1997, Vale *et al.* 2018, Wilman *et al.* 2014.

#14 *Spinus magellanicus*

Nome popular: pintassilgo;
pintassilgo-mineiro, pintassilva

Ordem: Passeriformes

Família: Fringillidae

Nome científico com autoria:
Spinus magellanicus (Vieillot, 1805)

Significado do nome científico: Pássaro do estreito de Magalhães.



<https://www.wikiaves.com.br/wiki/pintassilgo>

Listas Vermelhas – categorias de ameaça

Minas Gerais: Deficiente em Dados

Brasil: Menos Preocupante

Global: Menos Preocupante

Alerta em comércio internacional (CITES):
Não consta

**Representatividade no tráfico de fauna
em Minas Gerais:** 1,2% das aves

Foto: Wallace S. Correa



Características para identificação:

10–12 cm; 11–15,5 g. Bico preto pontudo. Plumagem amarelada, mais olivácea no dorso, asas pretas com faixas amarelas; cauda levemente furcada. Macho com cabeça preta, que é amarelada na fêmea.

Das 12 subespécies reconhecidas, três ocorrem no Brasil, podendo variar principalmente em tamanho, na intensidade da coloração e na extensão do capuz preto: *S. m. alleni* Ridgway, 1899, *S. m. ictericus* (Lichtenstein, 1823), *S. m. longirostris* (Sharpe, 1888).

Distribuição geográfica:

Ocorrência ampla no Brasil, exceto porção mais setentrional das regiões norte e nordeste, embora com distribuição disjunta no extremo norte do país; também em outros países da América do Sul. *Spinus m. longirostris* ocorre no extremo norte, *S. m. alleni* ocorre aparentemente mais a oeste e *S. m. ictericus* no leste e sudeste do Brasil

História natural:

Hábitat: Florestas abertas, matas secundárias, savanas com árvores isoladas, áreas agrícolas e antropizadas.

Alimentação: material vegetal (brotos, folhas), sementes; ocasionalmente invertebrados; forrageia em todos os extratos, do solo ao dossel.

Em pares ou pequenos bandos, às vezes junta-se a bandos mistos (i.e., com outras espécies).

Os machos de *C. magellanicus* e *C. yarellii* são cruzados com a fêmea do exótico *Serinus canaria*, formando o híbrido denominado “pintagol”, cujo tráfico também tem ocorrência em Minas Gerais.

História de vida:

Estação reprodutiva: outubro a julho.

Tamanho da ninhada: 3-4?

Referências:

Sobre o tráfico da espécie em Minas Gerais: Anastácio 2017, Barreto 2014, Borges *et al.* 2006, Freitas 2014, Freitas *et al.* 2015, Gogliath *et al.* 2010, Souza *et al.* 2014.

Sobre características da espécie: Clement 2020, Mezquida 2003, Ridgely *et al.* 2015, Sick 1997, Wilman *et al.* 2014.

#15 *Turdus leucomelas*

Nome popular: sabiá-branco; sabiá-barranco, sabiá-de-cabeça-cinza, sabiá-barranqueira

Ordem: Passeriformes

Família: Turdidae

Nome científico com autoria: *Turdus leucomelas*
(Vieillot, 1818)

Significado do nome científico: tordo cinzento



<https://www.wikiaves.com.br/wiki/sabia-barranco>

Listas Vermelhas – categorias de ameaça

Minas Gerais: Não consta

Brasil: Menos Preocupante

Global: Menos Preocupante

Alerta em comércio internacional (CITES):
Não consta

**Representatividade no tráfico de fauna
em Minas Gerais:** 1,1% das aves

Foto: Lilian Mariana Costa



Características para identificação:

23–27 cm; 47–78 g. Plumagem amarronzada, mais pálido nas partes inferiores, esbranquiçado na barriga; asas ferrugíneas, de cor alaranjada nas coberteiras inferiores; cabeça cinza; garganta esbranquiçada com estrias pardas; bico cinzento a amarelo oliváceo.

Duas, das três subespécies reconhecidas, ocorrem no Brasil: *T. l. albiventer* Spix, 1824 possui menor tamanho do corpo e do bico e cabeça mais acinzentada do que a subespécie nominal, *T. l. leucomelas* Vieillot, 1818.

Distribuição geográfica:

Ocorrência ampla no Brasil, exceto porção mais oeste da região norte; também em outros países da América do Sul. *Turdus l. albiventer* ocorre no nordeste e *T. l. leucomelas* no restante da distribuição brasileira.

História natural:

Hábitat: matas abertas, secundárias, bordas de florestas, clareiras, savanas, áreas agrícolas, áreas degradadas e antropizadas.

Alimentação: invertebrados, também frutos, ocasionalmente pequenos vertebrados; forrageia comumente no solo, mas também em todos os estratos, até o dossel.

História de vida:

Estação reprodutiva: dezembro a fevereiro.

Tamanho da ninhada: 2-4 ovos (mais comumente: 3 ovos).

Número de ninhadas/estação: podem ter até 4 ninhadas.

Referências:

Sobre o tráfico da espécie em Minas Gerais: Freitas 2014, Freitas *et al.* 2015, Gogliath *et al.* 2010, Souza *et al.* 2014.

Sobre características da espécie: Collar & Garcia 2020, Ridgely *et al.* 2015, Sick 1997, Wilman *et al.* 2014.



Referências

Afonso, B.C. (2016). Influência da alimentação no bem-estar de papagaios (*Amazona aestiva* Linnaeus, 1758) (Aves, Psittacidae) em gaiolas. Dissertação (Mestrado em Ciências Veterinárias) Universidade Federal do Espírito Santo, Alegre.

Alvarenga, G.R. (2014). Ocorrência e aspectos da criação em cativeiro do trinca-ferro (*Saltator similis*, Lafresnaye e D'Orbigny, 1837) (Passeriformes: Thraupidae) na região de Viçosa, Minas Gerais. Dissertação (Mestrado em Biologia Animal) Universidade Federal de Viçosa, Viçosa.

Anastacio, D.C.O. (2017). Levantamento de animais silvestres apreendidos no período de 2012 a 2016 no sul de Minas Gerais. Monografia (MBA em Gestão Ambiental) Universidade Federal do Paraná, Curitiba.

Araújo, A.V, Andery, D.A., Ferreira Jr., F.C., Ortiz, M.C., Marques, M.V.R., Marin, S.Y., *et al.* (2015). Molecular diagnosis of beak and feather disease in native brazilian psittacines. *Brazilian J. Poult. Sci.* 17: 451-458.

Araújo, A.V. (2011). Doença do bico e das penas: avaliação em psitacídeos nativos apreendidos em Minas Gerais. Dissertação (Mestrado em Ciência Animal) Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte.

Areta, J.I., Bodrati, A., Thom, G., Rupp, A.E., Velazquez, M., Holzmann, I., *et al.* (2013). Natural history, distribution, and conservation of two nomadic *Sporophila* seedeaters specializing on bamboo in the Atlantic Forest. *Condor* 115: 237-252.

Barreto, C. (2014). Ocorrência e identificação de coccídeos em amostras fecais de passeriformes silvestres (Aves: Passeriformes) no

Centro de Triagem de Animais Silvestres do IBAMA em Belo Horizonte. Dissertação (Mestrado em Ciência Animal) Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte.

BirdLife International (2020). IUCN Red List for birds. (<http://www.birdlife.org>).

Borges, R.C., Oliveira, A., Bernardo, N. & Costa, R.M.M.C. (2006). Diagnóstico da fauna silvestre apreendida e recolhida pela Polícia Militar de Meio Ambiente de Juiz de Fora, MG (1998 e 1999). Rev. Bras. Zool. 8: 23–33.

Bretz, B.A.M. (2015). Valores de referência de hematologia e bioquímica sérica de papagaios-verdadeiros (*Amazona aestiva*) mantidos em cativeiro. Dissertação (Mestrado em Ciência Animal) Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte.

Brewer, D. (2020a). Green-winged Saltator (*Saltator similis*). In: del Hoyo, J., Elliott, A., Sargatal, J., Christie, D.A. & de Juana, E. (eds.). Handbook of the Birds of the World Alive. Lynx Edicions, Barcelona. (<https://www.hbw.com/node/62199>; 4 de março de 2020).

Brewer, D. (2020b). Ultramarine Grosbeak (*Cyanoloxia brissonii*). In: del Hoyo, J., Elliott, A., Sargatal, J., Christie, D.A. & de Juana, E. (eds.). Handbook of the Birds of the World Alive. Lynx Edicions, Barcelona. (<https://www.hbw.com/node/62212>; 5 março 2020).

CITES - Convention on International Trade in Endangered Species of Wild Fauna and Flora (2019). Appendices I, II and III, valid from 26 November 2019. (<https://www.cites.org/eng/app/appendices.php>; 6 de março de 2020)

Clement, P. (2020). Hooded Siskin (*Spinus magellanicus*). In: del Hoyo, J., Elliott, A., Sargatal, J., Christie, D.A. & de Juana, E. (eds.). Handbook of the Birds of the World Alive. Lynx Edicions, Barcelona. (<https://www.hbw.com/node/61347>; 6 de março de 2020).

Collar, N. (2020). Rufous-bellied Thrush (*Turdus rufiventris*). In: del Hoyo, J., Elliott, A., Sargatal, J., Christie, D.A. & de Juana, E. (eds.). Handbook of the Birds of the World Alive. Lynx Edicions, Barcelona. (<https://www.hbw.com/node/58319>; 6 de março de 2020).

Collar, N. & Garcia, E.F.J. (2020). Pale-breasted Thrush (*Turdus leucomelas*). In: del Hoyo, J., Elliott, A., Sargatal, J., Christie, D.A. & de Juana, E. (eds.). Handbook of the Birds of the World Alive. Lynx Edicions, Barcelona. (<https://www.hbw.com/node/58293>; 7 de março de 2020).

Collar, N., Boesman, P. & Sharpe, C.J. (2020a). White-eyed Parakeet (*Psittacara leucophthalmus*). In: del Hoyo, J., Elliott, A., Sargatal, J., Christie, D.A. & de Juana, E. (eds.). Handbook of the Birds of the World Alive. Lynx Edicions, Barcelona. (<https://www.hbw.com/node/54641>; 6 de março de 2020).

Collar, N., Kirwan, G.M. & Boesman, P. (2020b). Turquoise-fronted Amazon (*Amazona aestiva*). In: del Hoyo, J., Elliott, A., Sargatal, J., Christie, D.A. & de Juana, E. (eds.). Handbook of the Birds of the World Alive. Lynx Edicions, Barcelona. (<https://www.hbw.com/node/54749>; 5 de março de 2020).

COPAM - Conselho Estadual de Política Ambiental (2010). Lista de espécies da fauna ameaçadas de extinção no Estado de Minas Gerais, Deliberação Normativa COPAM no 147, de 30 de abril de 2010. Diário Oficial do Estado de Minas Gerais (DOEMG) de 04 de maio de 2010.

Di Giacomo, A.G. (2005). Aves de la Reserva El Bagual. In: Historia natural y paisaje de la Reserva El Bagual, Formosa, Argentina. Inventario de la fauna de vertebrados y de la flora vascular de un área del Chaco Húmedo. Temas de Naturaleza y Conservación 4 (A. G. di Giacomo & S. F. Krapovickas, eds), pp. 201–465. Aves Argentinas / Asociación Ornitológica del Plata, Buenos Aires.

Drummond, G.M., Machado, A.B.M., Martins, C.S., Mendonça, M.P. & Stehmann, J.R. (eds.) (2008). Listas vermelhas das espécies da fauna e flora ameaçadas de extinção em Minas Gerais. 2. ed. Belo Horizonte: Fundação Biodiversitas.

Dutra, L.M.L., Young, R.J., Galdino, C.A.B. & Vasconcellos, A.S. (2016). Do apprehended saffron finches know how to survive predators? A careful look at reintroduction candidates. Behav. Processes 125: 6–12.

Ferreira, D.F. & Lopes, L.E. (2017a). Natural history of the Lined Seed-eater *Sporophila lineola* (Aves: Thraupidae) in southeastern Brazil. J. Nat. Hist. 51: 1425–1435.

Ferreira, D.F. & Lopes, L.E. (2017b). Notas sobre a biologia reprodutiva de aves no Estado de Minas Gerais, Brasil. *Atualidades Ornitológicas* 195: 33–42.

Fraga, R. (2020). Chopi Blackbird (*Gnorimopsar chopi*). In: del Hoyo, J., Elliott, A., Sargatal, J., Christie, D.A. & de Juana, E. (eds.). *Handbook of the Birds of the World Alive*. Lynx Edicions, Barcelona. (<https://www.hbw.com/node/62310>; 6 de março de 2020).

Franco, M.R., Câmara, F.M., Rocha, D.C.C., Souza, R.M. & Oliveira, N.J.F. (2012). Animais silvestres apreendidos no período de 2002 a 2007 na macrorregião de Montes Claros, Minas Gerais. *Enciclopédia Biosf. Cent. Científico Conhecer* 8: 1007–1018.

Freitas, A.C.P. (2014). Distribuição espaço-temporal dos animais recebidos no Centro de Triagem de Animais Silvestres de Belo Horizonte, Minas Gerais, 2003 a 2012. Dissertação (Mestrado em Ciência Animal) Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte.

Freitas, A.C.P., Oviedo-Pastrana, M.E., Vilela, D.A.R., Pereira, P.L.L., Loureiro, L.O.C., Haddad, J.P.A., *et al.* (2015). Diagnóstico de animais ilegais recebidos no centro de triagem de animais silvestres de Belo Horizonte, Estado de Minas Gerais, no ano de 2011. *Cienc. Rural* 45: 163–170.

Gogliath, M., Bisaggio, E.L., Ribeiro, L.B., Resgalla, A.E. & Borges, R.C. (2010). Avifauna apreendida e entregue voluntariamente ao Centro de Triagem de Animais Silvestres (Cetas) do Ibama de Juiz de Fora, Minas Gerais. *Atualidades Ornitológicas* 154: 55–59.

ICMBio - Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade (2018). Livro Vermelho da Fauna Brasileira Ameaçada de Extinção. Brasília, DF: ICMBio/MMA. (<https://www.icmbio.gov.br/portal/component/content/article/10187>; 6 de março de 2020).

Jaramillo, A. (2020a). Buffy-fronted Seedeater (*Sporophila frontalis*). In: del Hoyo, J., Elliott, A., Sargatal, J., Christie, D.A. & de Juana, E. (eds.). *Handbook of the Birds of the World Alive*. Lynx Edicions, Barcelona. (<https://www.hbw.com/node/62106>; 6 de março de 2020).

Jaramillo, A. (2020b). Double-collared Seedeater (*Sporophila caerulea*). In: del Hoyo, J., Elliott, A., Sargatal, J., Christie, D.A. & de Juana, E. (eds.). *Handbook of the Birds of the World Alive*. Lynx

Edicions, Barcelona. (<https://www.hbw.com/node/62121>; 5 de março de 2020).

Jaramillo, A. & Kirwan, G.M. (2020). Lined Seedeater (*Sporophila lineola*). In: del Hoyo, J., Elliott, A., Sargatal, J., Christie, D.A. & de Juana, E. (eds.). Handbook of the Birds of the World Alive. Lynx Edicions, Barcelona. (<https://www.hbw.com/node/62117>; 6 de março de 2020).

Lopes, A.R.S. (2016). Avaliação de técnicas de manejo na sobrevivência e comportamento de papagaios-verdadeiros (*Amazona aestiva*, Psittacidae) translocados. Dissertação (Mestrado em Ecologia de Biomas Tropicais) Universidade Federal de Ouro Preto, Ouro Preto.

Lopes, L.E., José, H., Peixoto, C. & Hoekstra, J.M. (2013). Notas sobre a biologia reprodutiva de aves brasileiras. *Atualidades Ornitológicas* 171: 33–49.

Marques-Santos, F., Braga, T.V, Wischhoff, U. & Roper, J.J. (2015). Breeding biology of passerines in the subtropical brazilian atlantic forest. *Ornitol. Neotrop.* 26: 363–374.

Martinez, B.C., Machado, B.G., Maciel, R. & Mol, M.P.G. (2018). Avifauna da Fundação Ezequiel Dias (FUNED), Belo Horizonte, MG e a proposta de um paisagismo sustentável. *Educ. Ambient. em Ação* 66: 1–13.

Mezquida, E.T. (2003). La reproducción de cinco especies de Emberizidae y Fringillidae en la Reserva de Ñacuñán, Argentina. *Hornero* 18: 13–20.

Ortiz, M.C. (2014). Mycoplasma em fígados de *Amazona aestiva* procedentes do CETAS-BH. Dissertação (Mestrado em Ciência Animal). Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte.

Piacentini, V.Q., Aleixo, A., Agne, C. E., Maurício, G. N., Pacheco, J.F., Bravo, G.A., Brito, G.R.R., Naka, L.N., Olmos, F., Posso, S., Silveira, L.F., Betini, G.S., Carrano, E., Franz, I., Lees, A.C., Lima, L.M., Pioli, D., Schunck, F., Amaral, F.R., Bencke, G.A., Cohn-Haft, M., Figueiredo, L.F.A., Straube, F.C., & Cesari, E. (2015). Annotated checklist of the birds of Brazil by the Brazilian Ornithological Records Committee / Lista comentada das aves do Brasil pelo Comitê Brasileiro de Registros Ornitológicos. *Revista Brasileira de Ornitologia* 23(2): 91–298.

- Ribon, R., Simon, J.E. & Mattos, G.T. (2003). Bird extinctions in Atlantic Forest fragments of the Viçosa region, Southeastern Brazil. *Conserv. Biol.* 17: 1827–1839.
- Ridgely, R.S., Gwynne, J.A., Tudor, G. & Argel, M. (2015). *Aves do Brasil. Vol. 2. Mata Atlântica do Sudeste.* Horizonte, São Paulo.
- Rising, J. & Jaramillo, A. (2020a). Chestnut-bellied Seed-finch (*Sporophila angolensis*). In: del Hoyo, J., Elliott, A., Sargatal, J., Christie, D.A. & de Juana, E. (eds.). *Handbook of the Birds of the World Alive.* Lynx Edicions, Barcelona. (<https://www.hbw.com/node/62138>; 5 de março de 2020).
- Rising, J. & Jaramillo, A. (2020b). Rufous-collared Sparrow (*Zonotrichia capensis*). In: del Hoyo, J., Elliott, A., Sargatal, J., Christie, D.A. & de Juana, E. (eds.). *Handbook of the Birds of the World Alive.* Lynx Edicions, Barcelona. (<https://www.hbw.com/node/61910>; 6 de março de 2020).
- Rising, J. & Jaramillo, A. (2020c). Saffron Finch (*Sicalis flaveola*). In: del Hoyo, J., Elliott, A., Sargatal, J., Christie, D.A. & de Juana, E. (eds.). *Handbook of the Birds of the World Alive.* Lynx Edicions, Barcelona. (<https://www.hbw.com/node/62084>; 4 de março de 2020).
- Rising, J., Jaramillo, A. & Sharpe, C.J. (2020). Yellow-bellied Seedeater (*Sporophila nigricollis*). In: del Hoyo, J., Elliott, A., Sargatal, J., Christie, D.A. & de Juana, E. (eds.). *Handbook of the Birds of the World Alive.* Lynx Edicions, Barcelona. (<https://www.hbw.com/node/62119>; 4 de março de 2020).
- Sick, H. (1997). *Ornitologia Brasileira.* Nova Fronteira, Rio de Janeiro.
- Silveira, L.F. & Méndez, A.C. (1999). Caracterização das formas brasileiras do gênero *Sicalis* (Passeriformes, Emberizidae). *Atualidades Ornitológicas* 90: 6–8.
- Somenzari, M., Amaral, P.P., Cueto, V.R., Guaraldo, A.C., Jahn, A.E., Lima, D.M., *et al.* (2018). An overview of migratory birds in Brazil. *Pap. Avulsos Zool.* 58: e20185803.
- Souza, T.D.O. & Vilela, D.A.R. (2013). Espécies ameaçadas de extinção vítimas do tráfico e criação ilegal de animais silvestres. *Atualidades Ornitológicas* 176: 64–68.

Souza, T.O. & Vilela, D.A.R. (2014). Canário-da-terra (*Sicalis flaveola*): a principal espécie vítima do tráfico e criação ilegal de aves silvestres na região metropolitana de Belo Horizonte, Minas Gerais. *Atualidades Ornitológicas* 180: 10–13.

Souza, T.O., Vilela, D.A.R. & Câmara, B.G.O. (2014). Pressões sobre a avifauna brasileira: Aves recebidas pelo CETAS/IBAMA, Belo Horizonte, Minas Gerais. *Ornithologia* 7: 1–11.

Telles, L.F. (2010). Etologia e perfil de corticosterona nas excretas de maritacas (*Aratinga leucophthalma*) em cativeiro com arrancamento de penas psicogênico tratadas com haloperidol e enriquecimento ambiental. Dissertação (Mestrado em Ciência Animal) Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte.

Vale, M.M., Tourinho, L., Lorini, M.L., Rajão, H. & Figueiredo, M.S. (2018). Endemic birds of the Atlantic Forest: traits, conservation status, and patterns of biodiversity. *Journal of Field Ornithology* 89(3): 193-206.

Vasconcelos, M.F. & Melo-Júnior, T.A. (2001). An ornithological survey of Serra do Caraça, Minas Gerais, Brazil. *Cotinga* 15: 21–31.

Vilela, D.A.R. (2012). Diagnóstico de situação dos animais silvestres recebidos nos CETAS brasileiros e *Chlamydophila psittaci* em papagaios (*Amazona aestiva*) no CETAS de Belo Horizonte, MG. Tese (Doutorado em Ciência Animal) Universidade Federal de Minas Gerais.

Wenny, D.G., Devault, T.L., Johnson, M.D., Kelly, D., Sekercioglu, C.H., Tomback, D.F., & Whelan, C.J. (2011). The need to quantify ecosystem services provided by birds. *The Auk* 128(1): 1-14.

Wilman, H., Belmaker, J., Simpson, J., de la Rosa, C., Rivadeneira, M.M. & Jetz, W. (2014). EltonTraits 1.0: Species-level foraging attributes of the world's birds and mammals. *Ecology* 95: 2027-2027.

ANEXO

AS LISTAS VERMELHAS¹⁶

Para enfrentar a grave questão do aumento global de até 1000 vezes nas taxas de extinção de espécies foram estabelecidas as Listas Vermelhas, as quais são mundialmente reconhecidas como um instrumento para a indicação das espécies ameaçadas de extinção e suas possíveis causas. Uma importante função das Listas Vermelhas, ou Listas de Espécies Ameaçadas, está atrelada à socialização do conhecimento sobre a intensa degradação do patrimônio biológico, o que por sua vez, contribui também para orientar as autoridades, gestores, pesquisadores e conservacionistas sobre políticas públicas e estratégias de gestão ambiental para a tomada de decisão que trata da conservação dos recursos naturais, ecossistemas e espécies. Estudos indicam que as Listas Vermelhas representam:

[...] a base das iniciativas para proteger essas espécies, seja em escala local, regional ou global. As políticas municipais, estaduais e federais sobre uso e ocupação da terra devem levar em consideração a presença de espécies ameaçadas. As listas constituem uma poderosa ferramenta na medida em que podem ser utilizadas como instrumentos legais para qualquer nível de ação. (Tabarelli *et al.*, 2005)¹⁷.

¹⁶ Conteúdo original publicado no *site* do Instituto Prístino em jan/2020.

¹⁷ Tabarelli, M.; Pinto, L.P.; Silva, J.M.C.d.; Costa, R.C. 2005. Espécies ameaçadas e planejamento da conservação. In: Galindo-Leal, C.; Câmara, I.d.G. Mata Atlântica: biodiversidade, ameaças e perspectivas. Carlos Ibsen de Gusmão. São Paulo: Fundação SOS Mata Atlântica.









A União Internacional para a Conservação da Natureza e dos Recursos Naturais¹⁸ (IUCN) é a instituição que padronizou os critérios de avaliação para verificar se uma espécie se enquadra em alguma categoria de ameaça de extinção. Atualmente, uma determinada espécie, quando avaliada, pode enquadrar-se entre oito categorias de risco de extinção (Quadro 1). No Brasil existem atualmente Listas Vermelhas para os grupos da fauna e flora publicadas em Portarias do Ministério do Meio Ambiente (MMA) no ano de 2014¹⁹. Até esse momento, foram reconhecidos como ameaçados de extinção 110 mamíferos, 234 aves, 80 répteis, 41 anfíbios, 353 peixes ósseos (310 de água doce e 43 marinhos), 55 peixes cartilaginosos (54 marinhos e 1 água doce), 1 peixe-bruxa e 299 invertebrados. As espécies avaliadas estão distribuídas nas seguintes categorias de ameaça: 448 Vulneráveis (VU), 406 Em Perigo (EN), 318 Criticamente em Perigo (CR) e 1 Extinta na Natureza (EW). Além dessas, cinco espécies que só ocorrem no Brasil estão consideradas extintas e outras cinco estão extintas no território brasileiro, ocorrendo em outros países.

¹⁸ <https://www.iucnredlist.org/>; 06 de março de 2020

¹⁹ <https://www.icmbio.gov.br/portal/faunabrasileira/2741-lista-de-especies-ameacadas-saiba-mais.html>; 6 de março de 2020

Quadro 1

Categorias utilizadas para classificar o grau de ameaça de uma espécie. Adaptado de ICMBio-MMA (2018)²⁰.

Categoria	Definição
 Extinta	Quando não restam dúvidas da morte do último indivíduo da espécie.
 Extinta na Natureza	Quando uma espécie sobrevive apenas em cativeiro ou fora de sua área de distribuição original.
 Criticamente Ameaçada	Quando as evidências indicam que a espécie enfrenta um <u>risco extremamente alto</u> de extinção na natureza.
 Em Perigo	Quando as evidências indicam que a espécie enfrenta um <u>risco muito alto</u> de extinção na natureza.
 Vulnerável	Quando as evidências indicam que a espécie enfrenta um <u>risco alto</u> de extinção na natureza.
 Quase Ameaçada	Espécies que, no momento, não se enquadram como ameaçadas, mas estão perto ou susceptíveis de serem qualificadas em uma categoria de ameaça em futuro próximo.
 Menos Preocupante	Espécies que, no momento, não se enquadram como ameaçadas.
 Deficiente de Dados	Espécies que não possuem informações adequadas para sua categorização de risco de extinção. Reconhece-se a possibilidade de que ela possa estar ameaçada, e que pesquisas futuras poderão indicar uma categoria de ameaça.

²⁰ Livro Vermelho da Fauna Brasileira Ameaçada de Extinção: Volume 1 / 1. ed. Brasília, DF: ICMBio/MMA, 2018. https://www.icmbio.gov.br/portal/images/stories/comunicacao/publicacoes/publicacoes-diversas/livro_vermelho_2018_vol1.pdf

Listas regionais também já foram publicadas em nosso país, sendo que a versão válida mais recente da lista oficial das espécies ameaçadas de extinção da flora de Minas Gerais foi publicada em 1997, e a da Lista de Espécies Ameaçadas de Extinção da Fauna do Estado de Minas Gerais foi publicada em 2010, ambas em Deliberações do Conselho Estadual de Política Ambiental (COPAM)²¹. Portanto, necessita-se de ações urgentes de pesquisa de campo, gestão de banco de dados e curadoria para a atualização das avaliações já realizadas e para a inclusão de mais espécies avaliadas.

²¹ Deliberação COPAM nº 85, de 21 de outubro de 1997. http://www.siam.mg.gov.br/sla/download.pdf?idNorma=5483#_ftn1; Deliberação Normativa COPAM nº 147, de 30 de abril de 2010. <http://www.siam.mg.gov.br/sla/download.pdf?idNorma=13192>



EDITORA

ISBN 978-65-991535-6-3



9 786599 153563